

# As metáforas para Deus na obra de Rubem Alves<sup>1</sup>

Leonardo Boff<sup>2</sup>

Rubem Alves é um autor oceânico. Navegou por oceanos, mares, lagos e rios. Sua obra é vasta. Foi teólogo, precursor da teologia da libertação, pastor presbiteriano, professor de filosofia em escola secundária, de filosofia política na Unicamp, psicanalista, pianista, educador, autor de literatura infantil e poeta. Em cada área destas produziu algo original.

## Da teologia conceptual à teologia poética

Mas o *tonus firmus* – o fio condutor – de tudo era a teologia. Não qualquer teologia. Muito menos a teologia institucional, dos manuais ou da produção teológica científica que se utiliza de conceitos para falar de Deus. Não que a desconhece. Mostra-o nas obras de grande rigor conceptual como *O enigma da religião* (1975); *Protestantismo e repressão* (1979); *O suspiro dos oprimidos* (1984); *A gestação do futuro* (1986); *Da esperança* (1987), entre outros menores.

Mas Rubem Alves rompe decididamente com este paradigma de fazer teologia e projeta um outro, talvez, mais afim e adequado ao objeto da teologia que é Deus.

Não crê no Deus das igrejas e das teologias. Não gosta de usar a palavra *Deus* e o verbo *acreditar*. E logo veremos por que razão não acredita. Não que seja ateu. Ao contrário, as principais obras são um hino de fé num Deus, captado em metáforas, em poesias, em estórias, na música, no corpo, no erótico (a dimensão prazerosa da vida) e especialmente na beleza. No prefácio ao livro *Da Esperança* (1986) com o título *Sobre deuses e caquis* encontramos o melhor de sua forma de dizer Deus.

Cito um tópico talvez de seu melhor livro, premiado nos USA: *Transparências da eternidade* (2002) para entender a sua maneira de expressar uma radical fé no Mistério, no Sagrado Radical, na Suprema Beleza, enfim, naquilo que chamamos Deus. Devo avançar que este seu modo de expressar Deus tem escandalizado muitos praticantes das igrejas. Mas também tem libertado muitas pessoas que entenderam a nova linguagem e se abriram para uma verdadeira experiência do Divino. O tópico representativo é este:

*“De vez em quando alguém me pergunta se eu acredito em Deus. E eu fico mudo sem dar resposta, porque qualquer resposta que desse seria mal entendida. O problema está neste verbo simples, cujo sentido todo mundo pensa entender acreditar. Mesmo sem estar vendo, eu acredito que existe uma montanha chamada Himalaia, e acredito na Estrela Alfa do Centauro, e acredito que dentro do armário há um réstia de cebolas...Se eu respondesse à pergunta dizendo que acredito em Deus eu o estaria colocando ao mesmo rol em que estão a montanha, a estrela, a cebola, uma coisa entre outras, não importando que seja a maior de todas”(p13. E continua: “É preciso, de uma vez por todas, compreender que acreditar em Deus não vale um tostão furado (p.14). E finaliza: “Posso responder à pergunta que me fizeram. É claro que acredito em Deus, do jeito como acredito nas cores do crepúsculo, do jeito como acredito na perfume da murta, do jeito como acredito na beleza de uma sonata, do jeito como*

<sup>1</sup> Conferência principal proferida no dia 29 de agosto de 2019 durante o evento “Repensando o Sagrado: Rubem Alves e a Teologia da Libertação” realizado no Instituto de Ciências Humanas da UFJF.

<sup>2</sup> Teólogo e filósofo. Contato: [lboff@leonardoboff.eco.br](mailto:lboff@leonardoboff.eco.br) .

*acredito na alegria da criança que brinca, do jeito como acredito na beleza do olhar que me contempla em silêncio. E, se me faz chorar, é sagrado. É um pedaço de Deus”(p.17).*

Esta afirmação me remete a uma frase de um teólogo franciscano medieval, da Escócia, Duns Scotus. E chegou a dizer a mesma coisa que Rubem Alves: **“Se Deus existe, como as coisas existem, então Deus não existe”** Eis uma afirmação fundamental para entender como Rubem fala de Deus... Não sem razão Duns Scotus é chamado de o *Doutor Sutil* (*doctor subtilis*, para mim mais genial que o genial Tomás de Aquino).

Para Duns Scotus e para Rubem Alves **Deus não está no rol das coisas**, mesmo da maior dentre elas. Ele está numa outra ordem. Ele é a razão e é o fundamento para que as coisas existam.

Deus é parecido com o olho. O olho vê todas as coisas mas não vê a si mesmo. Ele é a condição para que as coisas sejam vistas. Ou como diz a sabedoria oriental: “A força que faz o pensamento pensar não pode ser pensada”. Esta força é uma fonte da qual irrompe o pensamento, sendo ela anterior e mais originária que o pensamento. Dito numa formulação mais erudita e agora conceptual: **Ele é o Ser que faz ser tudo o que é.**

Santo Tomás de Aquino na *Suma Teológica*, logo no início quando trata do objeto da teologia, inteligentemente, afirma que a teologia é a a ciência de Deus, quer dizer, a ciência que Deus tem de si mesmo. Esta é totalmente inacessível ao ser humano. O que nos é possível fazer é uma teologia **sobre Deus** na medida em que Ele se revela na criação e na revelação. E uma a teologia sobre Deus à luz de Deus.

Mais ainda, no artigo 7 da *Suma Teológica*, afirma que podemos fazer teologia sobre tudo e sobre qualquer coisa, à condição de que seja à luz de Deus, porque tudo vem dele e se orienta para ele...

Então, podemos fazer teologia da política, da economia, do trabalho, do amor e da beleza, na medida que o fazemos à luz de Deus. Deus está presente na estrela distante, na minhoca da terra, na flor sorridente, nos olhos vivos de uma criança, no amor entre dois enamorados e em cada ser humano. Ele não está em nenhum lugar, porque está em todos os lugares.

Mas cabe enfatizar que a teologia é uma criação nossa, humana, sempre ressaltada por Rubem Alves. A nossa expressão conceptual de Deus mais esconde do que revela. Alguns místicos, como o Mestre Eckhart, já disseram: “quando falamos de Deus, dizemos mais falsidades do que verdades”. Isso porque Deus transcende todos os pensamentos e palavras sobre Ele. “Um Deus que se compreende, não pode ser grande coisa” (*Transparências*, p.65).

Já Buda advertia: “sobre o Tao mais vale o nobre silêncio do que a palavra”. E o filósofo Ludwig Wittgenstein no seu famoso *Tractatus* acertadamente afirmava: “Sobre o que não podemos falar, devemos calar”(aforismo 7º). Referia-se ao mistério, no fundo, a Deus.

### Como é o Deus que Rubem Alves acredita

Há muitas figuras de linguagem pelas quais Rubem Alves pressente o advento de Deus: pela experiência da ausência, do vazio, da ânsia infinita, do encantamento, da poesia, da música, especialmente pelo corpo que para ele é sinônimo simplesmente de vida real e concreta, do amor, do Sagrado e do Mistério. Mas é sempre uma experiência tão arrebatadora que tudo o mais perde importância.

Já que Rubem gostava de contar histórias e o fazia de forma fascinante (que para mim mereceria entrar na Academia Brasileira de Letras) vou relatar uma, oriental, que insinua o estilo de Rubem de sentir e falar daquilo que chamamos Deus.

*“Depois de ter corrido por muito tempo, fugindo de um leão que o perseguia, um homem chega à margem de um abismo. Não vê outra solução senão buscar um cipó, agarrar-se firmemente a ele e saltar. Mas ao saltar, olhando para baixo, percebe que lá no fundo do abismo há uma serpente com a cabeça erguida, pronta para lhe dar um bote mortal. Ocorre-lhe ainda um outro infortúnio: olhando para cima vê um rato que está roendo o cipó no qual está agarrado. Nesse momento algo fascinante surgiu: percebe que ao alcance de sua mão estão belos morangos maduros, prontos para serem colhidos e serem saboreados. O homem fugitivo do leão, ameaçado pela serpente e vítima de um roedor do cipó, esquece tudo e se entrega totalmente a saborear os morangos vermelhos e cheios de suco. É o momento do supremo deleite, para os olhos e para o paladar”.*

Não importa o final da história. O que realmente importa é a experiência súbita, densa, arrebatadora dos morangos maduros, belos e apetitosos. Esquece de tudo. Esta experiência é sentir a presença do que Deus significa. Deus estava totalmente nos morangos ou na linguagem de Rubem Alves, nos caquis maduros e suculentos. Os morangos ou os caquis continuam a ser o que são, mas se transformam em sacramentos que contêm e revelam a presença de Deus.

Rubem Alves, em toda a sua obra, mesmo nas mais eruditas, elabora uma severa crítica às ciências e à teologia meramente conceptual, pois não veem nada para além de seus limites ou desprezam qualquer outro acesso ao real ou ao Divino que não seja o religioso ou o científico. E assim deixam de ver aquelas coisas que dão sentido ou alegria à vida.

“Não sabem que a alegria e o maravilhoso, o divino estão pertinho, ao alcance da mão; divina é uma gota de orvalho, uma amora roxa, um raio de sol numa teia de aranha, uma acertada de bilboquê, coisas pequenas, sem preço” (*Transparências*, p.112)... “Tudo o que vive, é pulsar do Sagrado. Até o mais insignificante grilo é uma música do Grande Mistério” (*Transparências*, p. 55). Mais ainda: “Deus é alegria” (*Transparências*, p. 112).

### “Fora da beleza não há salvação”

Tema central para expressar Deus é para Rubem Alves a beleza. Chega a afirmar: “fora da beleza não há salvação” (*Transparências*, p 127-132).

Este tópico é fundamental:

*“Durante séculos os teólogos, seres cerebrais, haviam se dedicado a transformar a beleza em discurso racional. A beleza não lhes bastava. Queriam certezas, queriam a verdade. Mas os artistas. Seres-coração, sabem que a mais alta forma de verdade é a beleza. Agora sem a menor vergonha digo: sou cristão porque amo a beleza, ideias são chiados de estática ao fundo. Assim **proclamo o único dogma de minha teologia cristã** erótico-herética: fora da beleza não há salvação”* (*Transparências*, p, 132).

Deus é a beleza por excelência. Antes de Rubem Alves, Dostoiévski no romance *Os Irmãos Karamazov* havia afirmado: “a beleza salvará o mundo”. Para ele a beleza não se restringia à estética material. Beleza é uma dimensão fundamental do espírito que se expressa na solidariedade do amigo que acompanha um moribundo até acabar de morrer. Nesse sentido nada mais belo que o amor, o amor solidário e incondicional. O amor não é uma metáfora, é o nome na natureza de Deus.

Tudo tem suas exceções. Saber disso, certamente alegraria muito a Rubem Alves. Assim, houve um teólogo medieval, franciscano, São Boaventura, que em grandeza rivalizava com Tomás de Aquino, seu colega na universidade de Paris, o qual inspirado na experiência de beleza de São Francisco de Assis, acrescentou uma quarta nota essencial a todo o ser. O ser

não é apenas, *unum, verum et bonum*. Ele é também *pulchrum*, quer dizer, é belo. Assim não só Deus é beleza infinita, mas todo o universo e cada ser são belos.

### A descoberta da inteligência cordial

Para entender esta virada paradigmática de Rubem Alves, precisamos ouvir o que confessa: “Descobri um outro que mora em mim. Porque em mim não mora somente **aquele que pensa mas aquele que sente**” (*Transparências*, p.130). E assim, assevera, passa para um outro mundo, para uma fala ligada ao coração” (*Transparência*, p. 135 e 141).

Rubem resgata a **inteligência cordial, ou razão sensível** que é por milhões de anos mais ancestral que a razão analítica, somente emergida há uns 8 milhões de anos. Na razão sensível ou inteligência cordial reside a experiência do Sagrado e do Mistério. É a morada das excelências humanas como o amor, a empatia, a espiritualidade e a ética dos valores. Dai brota a criação, a percepção da beleza e da inspiração poética.

Esta inteligência cordial será predominante nos escritos de Rubem Alves que fascinou a tantas pessoas sensíveis e também escandalizou os refêns da razão analítica e conceptual. Esta se orienta apenas pelo o que é, pelo dado verificável. A inteligência cordial se orienta pelo que pode ainda ser, pelo futuro aberto, pelas virtualidades escondidas dentro do dado e do feito, pela utopia e aprende a amar o invisível.

### A teologia como saudades de Deus

A partir do exercício da sensibilidade, Rubem se permite dizer: “Teologia não é coisa de quem acredita em Deus (*meu acréscimo: nas doutrinas sobre ele*) mas de quem tem **saudades de Deus**” (*Da esperança*, p. 14). Belamente enfatiza: “Teologia, celebração de um Vazio que nada pode preencher...Sentimos o infinito do desejo que coisa alguma pode satisfazer...A teologia é coisa bela, um Sonho, sonhamos com Deus” (*Da esperança*, p. 14).

Estas afirmações nos lembram a experiência do *cor inquietum* de Santo Agostinho: “meu coração inquieto, não descansará enquanto não repousar em ti” (*Confissões*, livro X, n.7).

Por causa da forma sensível e não doutrinária de falar de Deus, Rubem faz críticas duras às religiões dos dogmas e das doutrinas. Com graça afirma: “Deus nos deu asas mas as religiões inventaram gaiolas” (*Perguntaram-me se acredito em Deus*, 2007, p. 55). Outras vezes diz que elas são como as cascas vazias da cigarra sobre o tronco da árvore; sentimento religioso é a cigarra em voo” (*Transparências*, p.128).

Corajosamente sustenta que “é preciso esquecer o nome de Deus que as religiões inventaram, para encontrá-lo sem nome, no assombro da vida” (*Perguntaram-me*, p. 55). Deus é encontrado, anônimo, naqueles que buscam a justiça e o amor. “Muitas pessoas que jamais pronunciaram o nome de Deus, o reconhecem como reverência pela vida” (*Perguntaram-me*, p.56). Numa outra formulação:” Não precisamos dizer o nome “rosa” para sentir seu perfume” (*Perguntaram-me*, p. 55).

Por outro lado, contra o saber cientificista, “vazio de significações humanas e indiferente ao nosso amor” (*Transparências*, p. 138; *O enigma da religião 1975*, 31-54)) faz uma brilhante apologia da religião: “A religião fala sobre o sentido da vida. Ela declara que vale a pena viver. Que é possível ser feliz e viver...que nos dá boas razões para viver e também boas razões para morrer” (*Transparências*, 128-139). Finaliza com entusiasmo: “Assim, anunciar que a vida tem sentido é proclamar que o universo é nosso irmão, E é esta realidade, âncora de sentimentos que **recebe o nome de Deus**” (*Transparências*, p.142).

O ponto culminante de sua teologia poética que vai além de qualquer metáfora seguramente é esta confissão: “De Deus a única coisa absolutamente certa que conhecemos é o amor [cf.1 Cor 13]... Quem tem amor respira Cristo mesmo que não fale o nome dele”( *Transparências*, p.78-79).

### Rubem Alves reescreveu a mensagem evangélica

Rubem Alves seguiu o preceito de Dietrich Bonhöffer, um eminente teólogo que participou de um atentado frustrado contra Hitler e, preso, foi enforcado. Nos meses que antecederam a sua morte deixou pensamentos e cartas da prisão, enviados a amigos. Num delas, afirma que devemos falar de Deus de forma secular, não religiosa, “*sicut Deus non daretur*” (como se Deus não existisse).

A fala das religiões está desgastada. Mas falamos de Deus quando amamos, vivemos a solidariedade, nos compadecemos com os que sofrem e lutamos pela justiça. Se alguém fala de Deus e não ama, nem sofre com os que sofrem nem se compromete por um mundo mais humano, sua fala é blasfema. Deus não se encontra fora destas realidades.

Mas quem as vive, mesmo que não fale de Deus, se encontra no caminho de Deus e está próximo de seu Reino.

Simone Weil, aquela judia alemã que se converteu ao cristianismo, mas não se deixou batizar em solidariedade com seus irmãos e irmãs levados às câmaras de extermínio nazista deixou escrito: “Se você quiser saber se alguém fala verdadeiramente de Deus, não repare como fala de Deus mas como fala do mundo”. Se falar na forma do respeito, da veneração, do cuidado e da compaixão, este está falando daquilo que chamamos Deus. Fora destes valores, é impossível encontrar Deus.

Acertadamente disse o grande teólogo francês Yves Congar: “Se surgiu um mundo sem Deus é porque nós falamos de um Deus sem o mundo”.

Ora bem, Rubem Alves se situa na linha destes pensadores e pensadoras. Soube falar de Deus de uma forma não religiosa, mas radicalmente humana: da beleza, da saudade, da ânsia de Infinito, da poesia e do amor. Deus está escondido dentro destas palavras, tomadas em sua radicalidade, não pensadas, mas sentidas e vividas a partir do coração.

Rubem Alves reescreveu nas histórias contadas pelo “Mestre Benjamin” e pelo “Senhor das Estórias”, as parábolas de Jesus, do bom samaritano, do rico epulão e do pobre Lázaro, do fariseu arrogante e da pobre mulher cheia de arrependimento (para Rubem era um prostituta), a história dos reis magos e outras.

Belíssimas e profundamente consoladoras são as duas reflexões e estórias sobre o inferno. Termina com estas palavras cheias de humor: “Deus criou tudo. Vocês acham que ele ia entregar ao diabo aquilo que saiu de suas mãos, pergunto eu. Um Deus que é todo amor não pode ter na eternidade uma câmara de torturas sem fim em que as almas sofrem por pecados cometidos no tempo. Dívidas no tempo ficam dívidas eternas, pergunto de novo. Quem ficaria feliz com isso seria o diabo. Vocês acham que Deus está a fim de realizar os desejos do diabo, pergunto. No fim o amor de Deus triunfa!” ( *Transparências*, p. 80).

### Conclusão: a reinvenção da oração de Jesus

Por fim, apraz-me terminar com a versão que faz da oração de Jesus:

#### Pai-Nosso, Mãe-Nossa

Pai...Mãe... de olhos mansos,  
Sei que estás invisível em todas as coisas,

Que teu nome me seja doce, a alegria do meu mundo.  
Traz-nos as coisas boas em que tens prazer,  
O jardim, as fontes,  
As crianças,  
O pão e o vinho,  
Os gestos ternos, as mãos desarmadas,  
Os corpos abraçados...  
Sei que desejas dar-me o meu desejo mais fundo,  
Desejo cujo nome esqueci. Mas tu não esqueces nunca.  
Realiza, pois, o teu desejo para que eu possa rir.  
Que teu desejo se realize em nosso mundo,  
Da mesma forma como ele pulsa em ti.  
Concede-nos contentamento nos dias de hoje:  
O pão, a água, o sono.  
Que sejamos livres da ansiedade.  
Que nossos olhos sejam tão mansos para com os outros  
Como os teus o são para conosco.  
Porque  
Se formos ferozes,  
Não poderemos acolher a tua bondade.  
E ajuda-nos  
Para que não sejamos enganados pelos desejos maus.  
Livra-nos  
Daquele que carrega a morte dentro dos próprios olhos.  
Amém.